



*Angélica Fontella*³³

RESUMO: Parte de uma pesquisa maior, este artigo propõe reflexões pontuais sobre os vínculos encontrados entre o campo das emoções e o objeto da pesquisa: cenas de linchamentos da imprensa. O interesse encontra-se particularmente na repugnância, em função do seu caráter “mágico” (NUSSBAUM, 2004) e “pegajoso” (AHMED, 2014). Proponho a análise de dois casos de linchamento publicados no Jornal *Extra* sob a ótica das emoções, notadamente a repugnância. Para tanto, será imprescindível considerar a especificidade narrativa do jornalismo que comumente veicula essa tipologia de notícias, o “jornalismo de sensações” (BARBOSA, 2004), vulgarmente conhecido como jornalismo popular.

PALAVRAS-CHAVE: “Jornalismo de sensações”; repugnância; cenas de linchamentos; imprensa.

ABSTRACT: Part of a bigger research, this paper intends to reflect upon the connections observed between emotions and our research object: lynching scenes in the press. The main interest rests particularly on the emotion repugnance because of its “magical” character (NUSSBAUM, 2004) and its “stickiness” (AHMED, 2014). We propose the analyses of two lynching cases published by newspaper *Extra*, from the perspective of the emotions study field. It is also going to be necessary to consider the narrative aspects of a particular type of journalism, generally perceived as “popular”, but which we consider to be “journalism of sensations” (BARBOSA, 2004).

KEYWORDS: “journalism of sensations”; repugnance; lynching scenes; press media.

³³ Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), email: angelicafontella@gmail.com.

1. Introdução

Corpos nus no espaço público. Manchas de sangue tingindo a rua. Mutilações, cordas e libambo improvisado. Esses são alguns dos elementos presentes em duas cenas de linchamentos construídas pelo jornal *Extra* nas páginas dos dias 4 de fevereiro de 2014 e 8 de julho de 2015. O desconforto provocado pelas inadequações ressaltadas pela notícia – segundo o senso comum ocidental, pautado pela ideia de “civilidade”, o espaço público não é local de nudez, sangue ou mutilações – acionou a possibilidade de análise pelo viés da repugnância³⁴.

Cenas de linchamentos são objeto de uma pesquisa maior, que busca identificar se há uma forma narrativa particular, padrão nas notícias de linchamento na imprensa, notadamente na reconhecida como popular. Para este artigo, porém, a ideia é imergir na dimensão sensacional, indispensável às pesquisas vinculadas ao chamado jornalismo popular ou “sensacionalista”. Lançaremos, então, dois olhares sobre essa camada: a partir dos estudos sobre o asco e a partir do conceito de “jornalismo de sensações” (BARBOSA, 2004). O *corpus* empírico escolhido foram os dois casos já mencionados: o espancamento de um jovem negro no Rio de Janeiro em 2014 e o espancamento até a morte de Cleidenilson Pereira da Silva, no Maranhão em 2015.

Por que envolver o campo das emoções em uma pesquisa sobre jornalismo popular? Duas considerações tornam possível a aproximação entre o jornalismo popular e as emoções. A primeira diz respeito a uma visão preconceituosa que encontramos nos dois campos de estudo e que acreditamos serem correlatas. Nos trabalhos que abordam o jornalismo popular, é sempre retomada a crítica contra o seu conteúdo que seria distorcido, exacerbado, por fim, “sensacionalista”.

Esse termo é refutado por pesquisadoras(es) como Amaral (2005) que defende ser insuficiente e impreciso. Entre as explicações da autora, destaca-se: a prática de provocar

³⁴ Atribuo à anedota de Darwin, exemplo recorrentemente referenciado pelos autores e autoras que já se dedicaram à repugnância, a associação entre asco e inadequação. Miller (1997), por exemplo, destaca a passagem em que Darwin associa *disgust* (repulsa) à ofensa ao gosto. No decorrer da anedota, Darwin diferencia bom gosto x mau gosto e cultura europeia (a ideia de civilidade) x cultura de povos tradicionais (forma de viver dos nativos da Terra del Fogo, que seria vista como selvagem). E ele explica essa diferença a partir de uma “ideia de comer” que domina as mentes europeias. Uma ideia que pode ser traduzida como: existe uma forma adequada de comer (deve-se estar vestido, sentado à mesa, usando talheres...) e outra inadequada (qualquer outra forma diferente da forma europeia). Entendemos que esse sentimento faz parte da repugnância, abarcando temáticas diversas.

sensações – que seria a essência do jornalismo popular e objeto de acusação dos críticos do jornalismo popular - é generalizada no fazer jornalístico atual (AMARAL, 2005, p. 2). Em paralelo, Angrimani Sobrinho argumenta que sensacionalismo seria uma linguagem, uma determinada maneira de informar e hierarquizar elementos da notícia, dando-lhe um tratamento sensacional (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 6), ou seja, passível de ser encontrada em qualquer mídia.

Fato é que, no cerne das críticas mais ferozes a esse tipo de narrativa, detectamos justamente o caráter emotivo apontado como negativo e irracional. Dimensão fundamental à perspectiva etnopsicológica das emoções, que acaba por debilitar e subjugar indivíduos e grupos, conforme explicam Rezende e Coelho (2010, pos. 269). A crítica que melhor exemplifica nosso argumento parte de Marcondes Filho e é citada e comentada por Angrimani Sobrinho em *Espreme que sai sangue* (1995):

(A imprensa sensacionalista) “não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas. Por isso, a imprensa sensacionalista, como a televisão, o papo no bar, o jogo de futebol, servem mais para desviar o público de sua realidade imediata do que para voltar-se a ela, mesmo que fosse para fazê-lo adaptar-se a ela” (MARCONDES FILHO *apud* ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 15)

Em uma só passagem, é possível identificar: o entendimento de emoção como instinto e do caráter emotivo como debilitante (conforme a perspectiva etnopsicológica que trataremos adiante); a redução simplificadora de determinados jornais como manipuladores, indicando a existência de forma alternativa “correta” de se tratar uma informação e levando à concepção da notícia como espelho dos fatos (como denuncia Amaral em seu artigo de 2005, que também esmiuçaremos); e, ainda, a perspectiva ultrapassada do binômio alta cultura/baixa cultura, comumente acionada para diferenciar esse estilo jornalístico dos demais.

A segunda consideração que torna possível aproximar jornalismo popular e emoções funda-se em duas perspectivas que adotamos. Nos apoiamos na percepção geral de que o jornalismo popular/“sensacionalista” é guiado principalmente pelo envolvimento emocional (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995) e pela valorização da emoção em detrimento da informação (PEDROSO *apud* AMARAL, 2005, p. 5). E, particularmente, optamos pela substituição do termo “sensacionalismo” por “jornalismo de sensações” (BARBOSA, 2004).

“Jornalismo de sensações” é um conceito cunhado pela jornalista e historiadora

Marialva Barbosa que referencia as formulações discursivas que provocam sensações físicas no leitor. Com uma narrativa que apela ao imaginário, estabelecendo eixos discursivos com as sensações do leitor, invocando os mais variáveis sentidos físicos. Ou seja, a dimensão das emoções nos parece primordial para uma apreensão mais completa do jornalismo popular.

Tomando como básicas essas indicações teóricas, propomo-nos, do ponto de vista metodológico realizar uma análise da narrativa das duas notícias publicadas no jornal *Extra* referenciadas anteriormente, colocando em relevo as textualidades produzidas como atos enunciativos tal como propõe Motta, ao delimitar metodologicamente a aplicabilidade de uma narrativa crítica na análise textual (2013 e 2017). Propondo considerar, a partir de Levinson (2007), os atos enunciativos como operações em contexto, o autor aconselha ainda perceber nas narrativas “um conjunto de proposições que descrevem crenças, conhecimentos, compromissos e ideologias dos participantes” (MOTTA, 2017, p. 48).

Outra proposição fundamental para a realização de uma análise da narrativa como atos de fato é considerá-la como uma ação realizada num campo de experiência, transformando a vivência em atos de comunicação. Assim, neste artigo, procura-se desvendar os jogos de narrar e entender as práticas comunicacionais que se estruturam em unidades de sentido, para responder a perguntas, relacionadas, direta ou indiretamente, à questão da repugnância. São elas: 1) Como a repugnância se apresenta? 2) Com base na pedagogia das emoções (FREIRE FILHO, 2016, p. 7), o que pode estar sendo ensinado? 3) Que sistema de crenças pode estar sendo acionado (NUSSBAUM, 2004)? 4) Que aderências podem ser percebidas (AHMED, 2014)? 5) Que roteiro parece estar sendo oferecido (AHMED, 2014)?

2. Os papéis das emoções

Importante ressaltar que adotamos a seguinte visão a respeito das emoções, compartilhando do entendimento de Rezende e Coelho (2010, pos. 347-357) sobre o assunto: as emoções, inegavelmente, têm uma relação com o corpo; porém, essa relação é sempre perpassada por significados construídos culturalmente e historicamente. Uma forma de compreendermos essa construção é por meio da análise da linguagem jornalística, notadamente a do “jornalismo de sensações”.

Para Rezende e Coelho, “as emoções tornam-se [...] parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto” (REZENDE e COELHO, 2010,

pos. 319). A essa visão, associa-se a ideia de uma pedagogia das emoções, trabalhada por João Freire Filho em artigo de 2016. O autor explica que desde a infância, somos ensinados – pela família, pela escola, pela *mídia* - que emoções dirigir a determinados atores, experiências e ambientes, “sendo *intrinsecamente*³⁵ amáveis ou temíveis, dignos de compaixão ou de asco, fontes de alegria ou de infelicidade” (FREIRE FILHO, 2016, p. 7)

Essa análise, contudo, não pretende reforçar a ideia de que esse tipo de linguagem jornalística (o jornalismo de sensações), por si só e em si mesma, é capaz de provocar ou dar vazão à emoções e sentimentos. Mas a entendemos como parte de um processo que contribui para a maneira como sentimos/expressamos as emoções: indicando/reforçando, potencialmente, quando é “correto” sentir raiva, medo ou asco, por exemplo.

Passando para o asco, nossa abordagem funda-se principalmente em duas autoras: Martha Nussbaum (2004) e Sarah Ahmed (2014). Em *Hiding from humanity: Disgust, shame and the law* (2004), Nussbaum aproxima sua experiência como professora de Direito nos Estados Unidos (EUA), com o campo das emoções. Sua questão central é compreender como a vergonha e a repugnância figuram no sistema de formulação das leis nos EUA.

Na sua visão, direito e emoções são inseparáveis, Nussbaum (2004) parte da ideia de que emoção é pensamento. Entretanto, ela explica porque não faz sentido usar a repugnância como recurso jurídico. Globalmente, toda a estrutura do direito penal, explica a autora, pode ser entendida como aquilo que determina do quê é razoável sentirmos raiva ou medo. Um exemplo é a lei contra o homicídio.

Por que raiva e medo podem nortear o direito, mas a repugnância não? Sua tese geral afirma que a repugnância (além da vergonha) é especialmente suscetível a distorções normativas e, por isso, não é um guia confiável à prática pública. Para Nussbaum, isso se dá por conta das próprias estruturas internas dessa emoção. Para esclarecer, ela compara com a raiva, uma emoção razoável em um mundo onde também é razoável que coisas sejam consideradas profundamente importantes e onde essas coisas podem sofrer danos. Assim, as questões que circundam a raiva no Direito são: os fatos conferem? Os valores estão em equilíbrio?

Com a repugnância, porém, a natureza do pensamento a que se vincula, o “*thought*

³⁵Grifo do autor

content"³⁶, como chama Nussbaum, é tipicamente não razoável. Dado que envolve ideias mágicas de contaminação e aspirações inalcançáveis de pureza e imortalidade, que simplesmente, não se alinham à vida humana como conhecemos. Ao investigar o pensamento que sustenta a repugnância, fica claro para ela que essa emoção não pode ser usada como fundamento para o direito.

Sem contar com o fato de que o asco vem sendo usado para marginalizar grupos de pessoas que representaram o medo, o desprezo e a aversão que os grupos dominantes sentiam de sua própria mortalidade e animalidade. Essa preocupação parece estar no cerne da teoria de Nussbaum: desejamos nos afastar daquilo que nos remete à nossa condição mortal/natural. E, vinculando ao trabalho de Ahmed, se alguém nos faz lembrar que temos esse caráter natural/corporal/mortal/humano, por aderência, essa pessoa é também dotada desse caráter e, por isso, é menos humana do que eu, que rejeito e tenho aversão a esse caráter.

Um ponto chave no trabalho de Nussbaum é o debate sobre uma característica específica das emoções, segundo ela, as crenças. Citando *A retórica* de Aristóteles, a autora disserta sobre a possibilidade de convencer um público, fazendo-o acreditar em determinada crença. Ratificando o pensamento de Aristóteles, ela afirma que crenças são bases essenciais das emoções e que é por isso que a retórica política é emocionalmente poderosa. Não se trata de afirmar que políticos influenciam nossos estados físicos ou emocionais, mas que eles podem sim influenciar nas crenças que temos diante de determinadas situações. Entendemos que o mesmo vale para a linguagem jornalística.

Essa dicotomia apresentada por Nussbaum traduz-se perfeitamente na polarização emoções/necessidades corporais x razão/mente, como colocam Rezende e Coelho (2010), ao tratarem da etnopsicologia. Nessa perspectiva que trata as emoções como fenômenos corporais, e que se isenta de observar a cultura e o tempo, há também uma oposição hierárquica que se espraia para muitas esferas: “O caráter mais incontrollável das emoções daria à pessoa mais emotiva uma vulnerabilidade e ao mesmo tempo uma aura perigosa que a pessoa mais racional não teria” (REZENDE e COELHO, 2010, pos. 257).

Segundo Rezende e Coelho (2010), sob essa ótica, alguns grupos são tidos como mais

³⁶Em tradução livre, “*thought content*” seria equivalente a “conteúdo do pensamento”, entretanto, também diz respeito à natureza a que esse pensamento se vincula. Ou seja, seria o conteúdo de um pensamento, bem como a sua natureza, as características da sua origem (NUSSBAUM, 2004).

próximos das emoções/mais emotivos do que outros: crianças, que ainda não desenvolveram seu domínio sobre a razão, pessoas negras/pobres/populações tradicionais e, sobretudo, as mulheres. Elas afirmam ter sido Lutz (1988) quem chamou atenção para os grupos de pessoas negras, pobres e “povos primitivos”.

Segmentos médios e altos das sociedades euroamericanas – e nós acrescentaríamos: e que se desejam/pretendem euroamericanas – pensavam - e ainda pensam - nesses indivíduos como se tivessem menor controle sobre suas emoções, sendo mais vulneráveis e ao mesmo tempo perigosos (REZENDE e COELHO, 2010, pos. 263). Acertadamente, as autoras concluem: “De um modo geral, a qualificação de pessoas como mais emotivas revela-se elemento de relações de poder nas quais se justifica a subjugação da parte mais fraca em virtude de seu menor controle das emoções, demonstrando a dimensão micropolítica dos sentimentos” (REZENDE e COELHO, 2010, pos. 269).

Voltando-nos para o trabalho de Sarah Ahmed, cabe destacar uma inquietação fundamental: “o que as emoções fazem?” e para respondê-la, Ahmed analisa o percurso realizado pelas emoções quando circulam entre corpos, observando a forma como elas “grudam”, tornam-se “pegajosas” e como se movimentam. Sua ideia é compreender como alguns sujeitos se tornam tão investidos em determinadas questões.

O exemplo que apresenta, ilustra eficientemente a ideia: na campanha “A Grã-Bretanha está morrendo: por quanto tempo você vai continuar apenas olhando?”, esse “você” equivale àqueles que sentem raiva contra pessoas que ameaçam “exterminar” a nação. As emoções oferecem um roteiro, afirma Ahmed: para se tornar parte desse grupo identificado com o “você”, é preciso aceitar esse convite de alinhamento com a nação e contra todos que a ameaçam. É, portanto, nas tramas textuais que ela analisa o caráter emotivo dos textos. Inspiradas nessas ideias, faremos as nossas análises sobre os dois casos publicados na linguagem do jornalismo de sensações.

3. Um jornalismo para sentir

Para entendermos o funcionamento do jornalismo de sensações, recorreremos também aos trabalhos de Angrimani Sobrinho (1995), Amaral (2005), Barbosa e Enne (2006) e Enne (2007). É no trabalho de referência de Angrimani Sobrinho que encontramos reflexões primárias acerca do chamado jornalismo popular. Ele já comenta sobre o teor de acusação do termo “sensacionalismo”, que serve para condenar uma publicação e, do seu livro, já se pode

depreender que “sensacionalismo” é uma determinada maneira de informar e hierarquizar os elementos da notícia, ou seja, é dar um tratamento sensacional a uma notícia (1995, p. 16).

É uma linguagem que “não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade”, afirma o autor (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 16). Segundo Barbosa e Enne (2006), o “jornalismo de sensações” (BARBOSA, 2004) também é mais do que o apelo a sensações físicas e psíquicas, são sensações encontradas na relação da leitura com o extraordinário com o excepcional que aproximam esse tipo de notícia do inominável. Estão contidas nas representações arquetípicas do melodrama e subsistem nos modos narrativos dessa tipologia de notícia. Assim como os gostos e anseios populares, essas sensações são formadas na longa duração, indicam as autoras.

Barbosa e Enne (2006) explicam que a literatura desaguou na construção narrativa de mitos, que subsistem nas páginas do jornal, na forma de crimes violentos, mortes suspeitas, milagres e tudo que foge à ordem, mantendo um modelo de anormalidade. Entretanto, trata-se de anormalidade baseada na presunção de uma normalidade também sensorial. A exemplo dos Estados Unidos, onde surgiu a *penny press*³⁷ no final do XIX, no Brasil, é com o aparecimento de jornais inteiros dedicados às “notas sensacionais” (já presentes nos jornais cariocas desde os anos 1910), que se pode vincular sucesso de vendas a esta tipologia de notícia.

Em *O sensacionalismo como processo cultural* (2007), Ana Enne trata do “sensacionalismo” como um longo processo de mediações culturais, que pode ser entendido como um fluxo narrativo. Enne apresenta algumas das matrizes culturais possíveis e suas relações com o “sensacionalismo” da imprensa contemporânea. Citando Hall (2003) e Barbero (1997), a autora esclarece que o tema abordado é compreendido como um processo histórico, formado a partir de fluxos do imaginário com jogo de representações e mediações, onde cabem continuidades e rupturas, pertencente ao campo da cultura.

Traçando um mapeamento das características da chamada “imprensa sensacionalista”, ela destaca os elementos: crime, extraordinário, importância do corpo, escatológico, sexual; oralidade, relação de cotidianidade com o leitor, gírias, linguagem não formal, figuras de

³⁷Cf. Barbosa e Enne (2005, p. 69), “*penny press*” refere-se à origem do sensacionalismo nos Estados Unidos, no contexto da rivalidade entre os jornais *New York World* e *Morning Journal* no século XIX, sendo a expressão em si uma referência ao baixo preço de venda avulsa dos jornais do tipo.

linguagem; marcos sensoriais no texto, verbos, expressões corporais, sinestesias e prosopopeias que dão vida às cenas; estratégias editoriais que buscam apelo sensacional, como manchetes garrafais, títulos jocosos, muita ilustração, fotos com detalhes; estrutura simplificadora e maniqueísta na construção narrativa, o bem contra o mal; suposta função alienante.

Em uma perspectiva mais metodológica, Amaral (2005) trata da insuficiência do conceito “sensacionalismo”, já que provocar sensações é hoje uma prática generalizada. Além disso, taxar um jornal de “sensacionalista” revela, segundo ela, uma concepção equivocada da atividade jornalística, “uma visão problemática dos aspectos culturais que a envolvem e uma compreensão simplista que reduz os jornais e programas populares à manipulação, degradação ou interesse comercial”, afirma (AMARAL, 2005, p. 2).

A respeito da acusação de ser uma tipologia que distorce os fatos, a autora é categórica: “Ora, se é possível distorcê-los, pressupõe-se que haja uma maneira certa de narrá-los, concepção muito ligada à noção de notícia como espelho dos fatos” (AMARAL, 2005, p. 2). Como se fosse possível imaginar “uma notícia límpida que faça os fatos transparecerem tal como aconteceram” (AMARAL, 2005, p. 3), ironiza.

4. Os casos

Tal como já referenciamos na introdução, elencamos cinco perguntas fundamentais para perceber algumas dimensões que aparecem configuradas nas notícias analisadas: 1) Como a repugnância se apresenta? 2) Com base na pedagogia das emoções (FREIRE FILHO, 2016, p. 7), o que pode estar sendo ensinado? 3) Que sistema de crenças pode estar sendo acionado (NUSSBAUM, 2004)? 4) Que aderências podem ser percebidas (AHMED, 2014)? 5) Que roteiro parece estar sendo oferecido (AHMED, 2014)?

“Menor [...] procurado pela polícia”

Em letras brancas e em negrito, realçadas por um fundo vermelho-sangue como um marca-texto, a chamada de capa diz: “Espancado na rua e na internet”³⁸. No texto legenda, com menor destaque, aparece uma breve descrição do caso:

Adolescente é espancado e preso pelo pescoço por trava de bicicleta, no Flamengo. Ele diz ter sido

³⁸ESPANCADO NA RUA E NA INTERNET. In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 1.

atacado por “justiceiros de moto”. Na internet, a agressão foi apoiada pela maioria. A polícia que procura o agredido, vai investigar o caso como lesão corporal.³⁹

Por trás do textual, ocupando pouco menos do que 25% da página número um do jornal *Extra* de 04 de fevereiro de 2014, uma foto. Um jovem negro, menor de idade (seu rosto está “pixelado”, impedindo a identificação) e despido está amarrado a um poste de sinalização por uma trava de bicicleta atada ao pescoço. Com destaque muito reduzido, na página 9 do interior do jornal, a matéria “Delegacia vai apurar lesão”⁴⁰ fala do caso e a coordenada “Espancado também na internet”⁴¹ traz outros elementos relevantes para a nossa análise. Em foto muito reduzida, o jovem aparece de corpo inteiro sobre a legenda: “O adolescente ainda preso”.

A palavra “linchamento” não aparece, entretanto, indiretamente, fala-se em “justiceiros” e, diretamente, em espancamento. Há enquadramento, também, nos critérios que estamos desenvolvendo para caracterizarmos uma cena de linchamento: pressuposição de ação violenta no corpo e multidão (representada tanto pelos praticantes da violência física, quanto pela forma de narrar o caso). No corpo do texto, os autores completam: “O rapaz também levou uma facada na orelha e teve as roupas arrancadas”⁴².

Ao contrário do antecipado pela capa, a notícia do espancamento parece servir apenas como pano de fundo. Subordinado à seção “Polícia”, vinculado à retransmissão “Flamengo”, o título escolhido é: “Delegacia vai apurar lesão” e, o subtítulo: “Menor amarrado a poste com trava de bicicleta está sendo procurado pela polícia”. O “mal-entendido” suscitado pela expressão “menor procurado” só é desfeito quando é citada a nota da Polícia Civil - identificaram “o menor” que “está sendo procurado para prestar depoimento”⁴³.

Em “Espancado também na internet”⁴⁴, o jornal recolheu duas postagens de dois “rapazes” das redes sociais, que encorajaram o linchamento, justificando-o e sugerindo que a violência deveria ter sido maior. Além disso, colheram depoimento de “um morador do bairro que preferiu não se identificar”⁴⁵.

³⁹ESPANCADO NA RUA E NA INTERNET. In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 1.

⁴⁰RICARDO, Igor; LUCCIOLA, Luisa. “Delegacia vai apurar lesão” In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁴¹RICARDO, Igor; LUCCIOLA, Luisa. “Delegacia vai apurar lesão” In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁴²RICARDO, Igor; LUCCIOLA, Luisa. “Delegacia vai apurar lesão” In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁴³RICARDO, Igor; LUCCIOLA, Luisa. “Delegacia vai apurar lesão” In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁴⁴ESPANCADO TAMBÉM NA INTERNET. In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁴⁵ESPANCADO TAMBÉM NA INTERNET. In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

1) Como a repugnância se apresenta? É suscitada pela nudez das fotografias, pelo corpo violentado e pelas falas destacadas pelo jornal que encorajam a violência.

2) Com base na pedagogia das emoções (FREIRE FILHO, 2016, p. 7), o que pode estar sendo ensinado? Na análise textual, desvendando seleção de enfoques e palavras, fica claro que a estrela da matéria é a ineficácia do estado, logo, a insatisfação contra a atuação policial do estado pode estar sendo suscitada. Assim como insegurança e desconforto, que são inclusive citadas como supostas sensações dos moradores do bairro.

Como? Na capa, dão destaque à violência, mas, na notícia, é ressaltado: o que a polícia deve fazer em seguida; que o jovem ainda não foi encontrado para prestar depoimento; na fala de Yvonne Bezerra de Melo⁴⁶: “[...] Aquela área do Flamengo teve um aumento muito grande de violência e roubos recentemente. Sei que tem muita marginalidade e a polícia é ineficaz, mas você não pode juntar um grupo e começar a executar pessoas”⁴⁷; na matéria coordenada, o jornal insere outra informação imprecisa: “Pelas ruas do bairro da zona sul, moradores também reclamaram que a quantidade de usuários de crack no Flamengo aumentou consideravelmente, trazendo a sensação de insegurança e desconforto”⁴⁸; na fala do “morador do bairro, que preferiu não se identificar”: “A polícia não faz nada. Aí, chega um grupo de pessoas, que deve ter sido assaltado por alguns deles, e mete a porrada. É o jeito que arrumaram para se defender. Fazer o quê?”⁴⁹

3) Que sistema de crenças pode estar sendo acionado (NUSSBAUM, 2004)? E 4) Que aderências podem ser percebidas (AHMED, 2014)? A ineficácia da polícia e do estado; sensação de insegurança gerada por essa teórica ineficiência; a categorização incontestável e não apurada/não verificada, da vítima do linchamento como um “adolescente que praticava roubos”, sua vinculação com o fato também não confirmado de que aumentou a quantidade de usuários de crack no bairro; o “mal-entendido” que nos faz entender que o jovem era um menor foragido da polícia; nas falas dos “entrevistados”⁵⁰, há reforço da ideia de que o jovem

⁴⁶Que, na matéria, exerce a função de “porta-voz” do jovem. Segundo a notícia, ela foi chamada por vizinhos que flagraram a agressão, registrou o ocorrido e publicou no Facebook. Ela também teria acompanhado a ação dos bombeiros que “libertaram” a vítima. Cf. RICARDO, Igor; LUCCIOLA, Luisa. “Delegacia vai apurar lesão” In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁴⁷RICARDO, Igor; LUCCIOLA, Luisa. “Delegacia vai apurar lesão” In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁴⁸ESPANCADO TAMBÉM NA INTERNET. In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁴⁹ESPANCADO TAMBÉM NA INTERNET. In jornal *Extra*, 04/02/2014, p. 9.

⁵⁰Os depoimentos colhidos da internet ou de forma imprecisa, como “apoiaram nas redes sociais” não configuram uma entrevista, por isso a palavra aparece entre aspas.

era “ladrão”, “membro de gangue de assaltantes”, “pivete”, “meliante”, “brinquedo para o pitbull”; na fala do morador que não quis se identificar: “É o jeito que arrumaram para se defender”, subverte-se a violência ocorrida: o linchado certamente fez algo para que o grupo viesse a se “defender” dessa maneira. No corpo da matéria, de maneira extremamente imprecisa, contrariando princípios jornalísticos como a objetividade: “Internautas afirmaram que o adolescente praticava roubos e furtos na região do bairro da zona sul”.

5) Que roteiro parece estar sendo oferecido (AHMED, 2014)? Na realidade, dois roteiros parecem estar à disposição do leitor. O primeiro, na capa, que traz a fala do jovem e reprova o espancamento. O segundo, na matéria e na coordenada, em que a violência contra o jovem passa para o segundo plano e o destaque vai para a investigação que está para começar e para a morosidade e a ineficácia da ação policial.

5. “Evoluímos ou regredimos?”

A capa ganhadora do Prêmio Esso 2015, de 8 de julho de 2015, tem alta carga dramática, enquadrando-se perfeitamente nas características apontadas por Barbosa, Enne e os demais autores já citados. Composta de duas partes, apresenta um fundo preto, com dois títulos em letras brancas em caixa alta: “DO TRONCO”, seguida de uma gravura de Debret em que um escravo é açoitado em praça pública, e “AO POSTE”, seguida de uma fotografia recente do assassinato brutal de Cleidenilson Pereira da Silva, 29 anos, na cidade de São Luís (MA)⁵¹.

No texto legenda, o jornal compara as duas cenas, reprovando o linchamento que levou à morte de Cleidenilson e cita a repercussão do caso na internet: “Dos 1.817 comentários no Facebook do *Extra*, 71% apoiaram os fatores contemporâneos”⁵². Resumidamente, Cleidenilson e um jovem menor de idade – que sobreviveu ao linchamento – teriam tentado assaltar um bar em São Luís, mas foram rendidos e espancados por uma multidão. Muito diferente do caso do Flamengo, essa edição optou por preencher toda a página 1 e toda a página 3 com o ocorrido.

Os depoimentos colhidos da internet foram identificados. Quatro entrevistas efetivas foram feitas, destacando inclusive o princípio do contraditório, tão caro ao jornalismo:

⁵¹DO TRONCO AO POSTE. In jornal Extra, 08/07/2015, p. 1.

⁵²DO TRONCO AO POSTE. In jornal Extra, 08/07/2015, p. 1.

entrevistaram duas personalidades políticas de espectros distintos para comentar o caso. Outra diferença: houve uma preocupação do jornal em contextualizar o cenário de violência, vinculado à pobreza e ao racismo, com apresentação de dados governamentais. Também historicizaram a ocorrência de linchamentos no Maranhão.

1) Como a repugnância se apresenta? De novo, é suscitada pela nudez das fotografias, pelo corpo violentado e pelas falas destacadas que encorajam a violência. Agora, porém, acrescenta-se a repugnância contra o ato de violência. O linchamento é chamado de “barbárie” e “selvageria”, seus executores são “feitores”, os apoiadores são “apoiadores de feitores contemporâneos” e quem “aplaude a selvageria”, os depoimentos do Facebook são “sentenças da rede”

2) Com base na pedagogia das emoções (FREIRE FILHO, 2016, p. 7), o que pode estar sendo ensinado? Está claro que o jornal convoca a sociedade a repugnar-se contra o ato de linchamento e também contra os apoiadores desse ato. A vítima desse acontecimento é Cleidenilson e *também* foi retratada como vítima "de nossa violência" - racismo e desigualdade social.

3) Que sistema de crenças pode estar sendo acionado (NUSSBAUM, 2004)? E 4) Que aderências podem ser percebidas (AHMED, 2014)? A exemplo do caso de 2014, aqui o jornal também é categórico e acusa Cleidenilson de assaltante. Entretanto, ao compará-lo com um escravo do Brasil Colonial via imagens e texto, está oferecendo uma explicação estrutural para o suposto assalto. Quando o jornal apresenta o contexto social, com base em dados governamentais e históricos (cita os açoitamentos de escravos em praça pública e também a quantidade de linchamentos no Maranhão de 2014 e 2015), também reforça essa associação entre pobreza e violência. Atribuindo ao suposto assalto uma explicação que vai muito além do que se lê em matérias da editoria de Polícia (lembremos do caso de 2014 e do suposto aumento de usuários de crack, que gera mais insegurança no bairro). Importante destacar a retransmissão principal “Tribunal do ódio”, uma metáfora para explicar que houve um julgamento, um sentenciamento e uma execução de pena (no caso, de morte), que, entretanto, não passou pelo sistema legal.

5) Que roteiro parece estar sendo oferecido (AHMED, 2014)? Ao que parece, o jornal apresenta um cenário de insegurança social: racismo (“Dos quase 30 mil jovens assassinados em 2012 no Brasil, grande parte era negra”), pobreza (“O maranhão tem o segundo pior índice

de desenvolvimento humano do país. Só não perde para Alagoas”) e violência (“São Luís esta em quarto lugar no ranking da taxa de homicídio por cem mil habitantes, segundo o Mapa da Violência de 2014”) como justificativa para a manutenção da barbárie que praticávamos contra os escravos no Brasil Colônia. O tom de toda a reportagem (capa, matéria principal, entrevistas com políticos, coordenada histórica, depoimentos da internet e dados sociais) induz ao afastamento (repulsa) das figuras retratadas como “fatores da barbárie” e seus “apoiadores”.

6. Conclusão

Dois corpos negros, jovens, despidos, ensanguentados, violados e violentados. Embora os casos tenham semelhanças gritantes - ambos os rapazes foram atados a postes, despidos e espancados -, foram enquadrados de maneiras radicalmente diferentes. Entretanto, as duas matérias retratam um cenário de insegurança. Na de 2014, uma insegurança policial, na de 2015, uma insegurança social. O texto, as imagens e a edição compõem um todo integrado em ambas notícias procurando reforçar um contexto que produz explicações para o linchamento: nos casos analisados apontam para a ideia de ineficiência do estado.

O discurso de ódio aparece nos dois casos, mas em 2014, parece ser encorajado pela cobertura. Como mostramos ao analisar os dois casos, a nudez exposta nas fotografias, os corpos violentados, ensanguentados, expostos como signos do justicamento, ao lado das falas minuciosamente escolhidas para comporem o quadro narrativo encorajam a violência e preconizam o ódio explícito que se manifesta e se torna visível.

Cabe ressaltar também os jogos entre lembrança e esquecimento presentes nas narrativas, que, no caso analisado, produz até mesmo o encobrimento da palavra, como mostramos em relação à primeira matéria publicada pelo jornal *Extra* em 2014, em que o termo “linchamento” não aparece na narrativa jornalística. No texto, há referência aos “justiceiros” e qualifica-se a ação como um “espancamento”. Portanto, os enquadramentos escolhidos, produzem uma seleção, ao mesmo tempo em que expõem a ação violenta sobre um corpo, efetuada tanto por aqueles que participaram diretamente do ato violento, como pelas formas de narrar o acontecimento. A força ilocucionária ou a potência do ato de fala (MOTTA, 2017, p. 48) favorece, assim, a mudança do contexto, transformando o linchamento em espancamento.

A repugnância, emoção que pressupõe a inclusão, no ato de fala, do mundo leitor

(RICOEUR, 1997), faz com que a narrativa se complete pela reação diante daquilo que as páginas do jornal expõem. Assim, são, sobretudo, as fotografias apresentando os corpos inertes depois de terem sido violentados que provocam essa sensação. No caso do linchamento de Cleidenilson, há uma aparente ruptura nos modos de narrar, uma vez que estabelece uma clara associação da violência contemporânea com os fatores do passado. A construção de uma linha de continuidade entre o ato do século XXI e os açoites aos escravos do século XIX, retratados por Debret, é fundamental para a qualificação da ação de linchar como “barbárie” e “selvageria” e, principalmente, para anunciar como “fatores contemporâneos”, aqueles que apoiam o ato.

Outro ponto que deve ser destacado diz respeito aos sistemas associativos produzidos que acionam, por outro lado, um sistema de crenças. Apresentando as vítimas de linchamentos como “assaltantes”, “marginais”, enfim, desviantes, as notícias vinculam claramente a reação sob forma de violência aos desvios cometidos pelos supostos criminosos. Há uma espécie de naturalização dos linchamentos. Por outro lado, observa-se uma clara associação entre pobreza e violência, não só no enquadramento das imagens, mas também na expressão dos que se postam ao lado das vítimas numa atitude inerte. A própria associação, no caso da notícia de 2017, que narra o linchamento ocorrido em São Luís, entre o personagem contemporâneo e o escravizado no passado, produz uma ênfase ainda mais emblemática.

Essa mesma associação é responsável pelo roteiro final que é oferecido pelas notícias que mesclam pobreza, racismo e violência como ingredientes indispensáveis para configurar os linchamentos do século XXI. “Dos quase 30 mil jovens assassinados em 2012 no Brasil, grande parte era negra”; “O Maranhão tem o segundo pior índice de desenvolvimento humano do país”; “São Luís está em quarto lugar no ranking da taxa de homicídio por cem mil habitantes”. Esse é o roteiro final oferecido nos atos de fala dos jornais que vão construindo um contexto que contribui para a naturalização das cenas de linchamento como resultado previsível e esperado.

A negação de humanidade e o insuportável são elementos marcadamente presentes nos estudos sobre a repugnância. Assim, o acontecimento (linchamento) em si, e, logo, o narrar do acontecimento trazem consigo esse caráter de “insuportabilidade”: podendo ser o crime que motivou o linchamento ou o próprio linchamento.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. História do jornalismo no Brasil: um balanço conceitual. **Revista Verso e Reverso**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, v. 52, p.1-11, 2009.

_____. Jornalismo popular e o sensacionalismo. **Revista Verso e Reverso**. XVIII (39) 2004/2. Verso e Reverso.

_____. **Escravos e o mundo da comunicação**: oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

_____. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007.

BARBOSA, Marialva e ENNE, Ana Lucia Silva. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. **ECO-PÓS** - v.8, n.2, agosto-dezembro 2005, pp.67-87.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio? Algumas observações sobre o Direito Alemão e o Americano. **Revista Direito Público**, n. 15. Brasília: Instituto Público brasileiro de Direito Público, Jan-Fev-Mar, 2007.

CANTARELA Matheus, Letícia. **Narrativas do Medo**: O jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Mauad X. Edição do Kindle.

ENNE, Ana Lucia Silva. O sensacionalismo como processo cultural. **ECO-PÓS**- v.10, n.2, julho-dezembro 2007, pp.70-84.

FONTELLA, Angélica e BARBOSA, Marialva. De “vítimas virtuais” a “fatores contemporâneos”? Potências das notícias sobre linchamentos: a matéria “Do tronco ao poste” do jornal *Extra*. In 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 2017, São Paulo. **Anais 11º**

Encontro Nacional de História da Mídia, 2017.

FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. In XXV Encontro Anual da Compós, 2016, Goiânia. **Anais 2016 XXV COMPÓS: GOIÂNIA/GO.**

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil.** 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2015.

MILLER, William Ian. **The anatomy of disgust.** United States of America: Harvard University Press, 1997.

MOTTA, Luiz G. **Análise crítica da narrativa.** Ed. UnB: Brasília, 2013.^[1]_{SEP}

MOTTA, Luiz G. Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas.** Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. p. 47-63.

NUSSBAUM, Martha. **Hiding from humanity. Disgust, shame and the Law.** Oxfordshire: Princeton University Press, 2004.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. **Como nos tornamos o país da punição.** Brasil, 98 p., out. 2015.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa.** Vol. 3. Campinas: Papirus, 1997.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.